

VISÃO DO CORREIO

O risco de Kaliningrado

Pequenino no mapa, Kaliningrado é um território russo separado do restante da Rússia por território da Lituânia ao norte e leste, e da Polônia ao sul. Para acessá-lo por terra vindo da Rússia, é preciso atravessar um ou ambos esses países, que são membros da Otan. O território fica às margens do Mar Báltico e abriga a sede da Frota do Báltico da Marinha russa, além de sistemas de mísseis e infraestrutura militar de alto valor estratégico. É, em outras palavras, um bastião militar russo cercado por países da aliança ocidental, e essa geografia é, por si só, uma fonte permanente de fricção.

Ontem, Vladimir Putin voltou a transformar Kaliningrado em recado. No Fórum Valdai, em Moscou, o presidente russo afirmou que considera usar “todos os tipos de armas” de seu arsenal em caso de ameaça ao território e acrescentou que não é possível ter certeza de que armas de destruição em massa jamais serão utilizadas. A frase não foi acidental. Dias antes, a Rússia havia enviado à Otan um documento classificado como “non-paper” — espécie de comunicação informal, mas de conteúdo explícito — afirmando que estaria “pronta para utilizar todo o arsenal, incluindo armas nucleares”, caso a aliança tentasse isolar Kaliningrado do restante do país. O secretário-geral da Otan, Mark Rutte, respondeu que a aliança é defensiva e não ameaça o território. O tom de Moscou sugere que essa resposta não foi considerada suficiente.

Para entender por que Kaliningrado provoca esse nível de tensão, é necessário recuar no tempo. O território foi, durante séculos, parte do Ducado da Prússia e depois do Reino da Prússia, uma região de maioria alemã, com capital em Königsberg, cidade que deu ao mundo o filósofo Immanuel Kant e que foi palco de intensas batalhas ao longo da Segunda Guerra Mundial. Em 1945, após a derrota da Alemanha nazista, a Conferência de Potsdam redesenhou o mapa europeu: Königsberg e a região ao redor foram cedidas à União Soviética, sua população alemã foi expulsa e o território foi

repovoado por soviéticos. O nome foi mudado para Kaliningrado. Com o colapso da URSS em 1991, o território tornou-se um exclave russo — geograficamente separado da Rússia pelo surgimento de estados independentes no Báltico. A fronteira que antes era interna, dentro de um mesmo país, tornou-se uma fronteira entre a Rússia e países que, pouco depois, adeririam à Otan. Kaliningrado sempre esteve em disputa. Mudaram apenas os disputantes.

Hoje, a região é mais do que um problema geográfico. É o ponto onde a expansão da Otan em direção ao leste encontra a mais sensível das instalações militares russas. Quando a Lituânia restringiu temporariamente o trânsito de mercadorias para Kaliningrado em 2022, Moscou respondeu com avisos severos. A situação foi parcialmente revertida, mas o episódio mostrou o quanto o território pode ser usado como gatilho. As recentes declarações de Putin e o documento enviado à Otan sugerem que esse gatilho está sendo posicionado com crescente deliberação, num momento em que a guerra na Ucrânia continua sem solução, as relações entre Moscou e o Ocidente estão no pior patamar desde a Guerra Fria, e qualquer incidente em solo báltico pode acionar a cláusula de defesa coletiva do Artigo 5º do Tratado do Atlântico Norte.

Kaliningrado não é o único ponto de combustão no mapa europeu. Mas é o que reúne, num único território, a presença militar russa, a geografia da Otan, a memória de disputas centenárias e, agora, a ameaça explícita do uso de armas de destruição em massa. O mundo já viu o que acontece quando pontos assim são subestimados. O apelo que se faz — com a consciência de que pedidos do tipo têm pouco peso diante de arsenais — é pela razoabilidade. Pelo diálogo que ainda é possível antes que deixe de ser. E pelo reconhecimento de que nenhum território, por mais estratégico que seja, vale o custo de um confronto entre a Rússia e a Otan. Esse custo, ao contrário dos outros, não tem como ser calculado antecipadamente.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. **E-mail:** sredat.df@dabr.com.br. O **Correio** reserva-se o direito de resumir os textos enviados.

É mentira, Terta?

Ninguém governa o país sem o Centrão. Quem elege o Centrão são os votos de legenda. Quem escolhe a legenda são os chefes dos partidos. O Centrão caracteriza-se não pelo espírito público de seus integrantes, mas por seu espírito mercantil; isto é, são pessoas escolhidas pela fidelidade ao partido. E o culpado é o povo que não sabe votar? A presença, no governo e nas instituições, de espíritos capazes de desviar recursos públicos não é, pois, acidental: é fruto intencional do modelo político projetado em 1988. Temos também, é claro, políticos que dedicam a vida ao interesse público, mas o sistema os admite apenas em número reduzido, incapaz de comprometer essa estrutura. Quando um deles, acidentalmente, conquista o governo, o sistema o impede de governar e o expulsa. “É mentira, Terta?”

» **Rubi Rodrigues**
Octogonal

Marcas do vício

As bets podem ser até proibidas, mas as marcas deixadas pelo vício continuam na vida de muitas famílias. Por trás de cada aposta existem dúvidas, fome, sofrimento, conflitos e sonhos destruídos. O vício em jogos é uma doença que precisa de acolhimento, tratamento e políticas públicas — não de julgamento. Que essa reflexão nos lembre de que nenhum lucro deve valer mais do que a dignidade e a vida das pessoas. E que as famílias afetadas encontrem apoio para recomeçar.

» **Gilmara de Carvalho**
Brasília

Pensem no Brasil

As campanhas eleitorais seguem aceleradas. Cada gesto é pensado para o efeito imediato — persuadir, nunca para o país e para as expectativas do eleitor. O cidadão quer saúde que funcione, escola que ensine, segurança que proteja e transporte público que não humilhe. Quer solução para os problemas sociais e não performances retóricas em palanques e polarização política. Isso vai de encontro aos desejos dos candidatos que só querem o poder, com a promessa de implementação de planos mirabolantes e inviáveis para o crescimento do país. Senhores candidatos, pensem no Brasil como nação! Não prolonguem a crise social e econômica que vivemos há muitos anos.

» **Pacelli M. Zahler**
Sudoeste

» correiobraziliense.com.br

ARTIGO

Flavia Soares, jornalista, psicanalista, especialista em educação não violenta e parental escreve sobre eleições e família no artigo *Família não se protege com slogans. Confira no site do Correio.*

BLOCO DE NOTAS

O jornalista Carlos Alexandre de Souza analisa as estratégias narrativas adotadas pelos candidatos à Presidência da República nesta reta final do primeiro turno.



Aponte a câmera e confira o vídeo na íntegra

ARTIGO

Rafaela Vieira, gerente de Relações Institucionais e Políticas Públicas do Pacto Contra a Fome, escreve sobre os desafios no combate ao desperdício de alimentos no artigo *O custo invisível do que jogamos fora*. Confira no site do **Correio**



ROBERTO FONSECA
robertofonseca.df@dabr.com.br

Reta final pega fogo

Vamos às urnas daqui a dois dias para uma eleição presidencial que demorou a engrenar. Durante boa parte dos 45 dias de campanha, candidatos e eleitores pareciam estar em uma espécie de stand-by eleitoral. A política estava presente, mas faltava aquela temperatura própria de uma disputa pelo Palácio do Planalto.

A chave virou nas últimas duas semanas. A crise institucional envolvendo o Supremo Tribunal Federal, o avanço das investigações sobre o Banco Master, as declarações cada vez mais duras dos candidatos e até a controvérsia envolvendo Nossa Senhora Aparecida levaram a campanha para o centro das conversas do país. As redes sociais fizeram o restante. A eleição passou a ocupar as ruas.

Brasília deu uma demonstração disso no fim de semana passado. Nas feiras do Guará e de Ceilândia, no Eixão do Lazer e em outros pontos de grande circulação, bandeiras de candidatos estavam espalhadas por todos os lados. Carros com bandeirinhas, uma cena quase esquecida, reapareceram. A presença simultânea de apoiadores de diferentes correntes políticas chamou atenção por um motivo simples: apesar da radicalização do discurso, não houve registro de confrontos graves.

É uma situação que merece ser valorizada. É possível, sim, o Brasil conviver com divergências profundas sem transformar adversários políticos em inimigos. Democracia pressupõe conflito de ideias. Violência é outra coisa.

Há, porém, uma frustração que não deve ser ignorada. Os dois candidatos que lideram as pesquisas, Luiz Inácio Lula da Silva e Flávio Bolsonaro, não se enfrentaram em nenhum

debate durante a campanha. O eleitor perdeu a oportunidade de assistir ao confronto direto entre os protagonistas da disputa.

Debates fazem parte da tradição democrática de países como Estados Unidos, França e Reino Unido. No Brasil, também se tornaram um dos momentos mais importantes das campanhas presidenciais. São imperfeitos, evidentemente. Ainda assim, permitem ao eleitor comparar discursos, propostas e respostas diante de perguntas semelhantes. Quando os principais concorrentes não se encontram, o marketing político acaba ocupando o espaço que deveria pertencer ao confronto de ideias.

É preciso ainda ficar atento nesses últimos dois dias a um fenômeno estudado à exaustão na ciência política: o voto útil. Pesquisas recentes mostram a migração crescente das intenções de voto para os dois candidatos que aparecem na frente. Os quatro nomes mais atrás nas sondagens eleitorais não decolaram e, tudo indica, desidrataram. É um comportamento conhecido nas eleições. O eleitor abandona a preferência inicial para apoiar um nome que considera mais competitivo ou capaz de impedir a vitória daquele que rejeita.

Dessa forma, a eleição que começou fria chega na reta final em alta temperatura. O domingo será o momento de transformar toda essa disputa em voto. Depois das urnas, será preciso conviver com o resultado, caso a disputa termine no primeiro turno. Esse é o compromisso básico de qualquer democracia. Se tivermos segundo turno, como aparenta ser o mais provável, teremos ainda mais três semanas até conhecermos o presidente eleito. Mas isso é assunto para depois.

CORREIO BRAZILIENSE

*“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”*
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*	
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM	
			R\$ 1.187,88	
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)	
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp				
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.				
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br